



## cruzamento

PUBLICAÇÃO DA RESPONSABILIDADE PARÓQUIA DO SENHOR JESUS DO PADRÃO DA LÉGUA

DIRECTOR PADRE  
JOAQUIM MARI  
AREAL ANDRADE

## EDITORIAL

## AGORA E PARA SEMPRE

*O Rei dirá, então, aos da sua direita: 'Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo.'* (Mt 25,34-36)

S. João da Cruz, místico carmelita espanhol que viveu no século XVI, escreveu que “no entardecer da vida todos seremos julgados pelo amor”. Esta frase, que ele tomou para seu lema, deverá ecoar nos nossos ouvidos sempre que lemos ou ouvimos a parábola de Jesus sobre o juízo final, e que S. Mateus nos transmite no capítulo 25 do evangelho.

Já não temos, apenas, as bem-aventuranças, que nos são apresentadas como a “nova Lei” do Reino, o cami-

nho para, ao orientarmos a nossa vida, vivermos de acordo com a vontade do nosso Criador, mas antes o último mandamento, a última palavra que Deus nos dirige, o mandamento novo, de nos amarmos uns aos outros:

***Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros. (Jo 13,34-35)***

O nosso traço distintivo será, portanto, o amor que temos aos outros. Assim compreenderemos a parábola de Jesus que nos diz que não serão os nossos pecados que nos julgarão justos ou não aos olhos de Deus, mas tão somente o bem que fizermos, pois o que Deus espera de nós é que tenhamos essa atenção com aqueles que

que são, apenas, a visualização do amor que deveremos ter para com os outros. A repetida insistência na sua prática durante um ano, não deverá ser esquecida por cada um de nós, mas, antes, ser um lema que abraçamos com a nossa vida. O faminto, o sedento, o refugiado ou migrante, o necessitado, o doente, o preso e tantos outros em tantas e variadas situações da vida, esperam por nós e pelo nosso amor, pela nossa presença compassiva, pelo nosso tempo e generosidade.

E tudo isto deveremos fazer, porque o nosso Deus nos ama do mesmo modo. Ele é o primeiro misericordioso, e a medida da misericórdia que todos também deve-

estão perto de nós, isto é com todas as pessoas.

O Ano Jubilar Extraordinário da Misericórdia que o Papa Francisco promulgou e que nestes dias termina, quis centrar as nossas atenções nas Obras de Misericórdia

mos ter. Esta sim, deverá ser a verdadeira motivação para levarmos deste ano, e que deve, em cada dia, concretizar-se no amor ao próximo, já que assim amamos a Deus.

O Pároco



## MISERICORDIOSOS COMO O PAI

Estamos a chegar ao termo do Ano Santo da Misericórdia. Como em todos os Jubileus celebrados ao longo da história, as razões que os determinaram, as motivações que lhes deram sentido no coração de cada Papa e a bênção que trouxeram à Igreja devem permanecer e continuar para lá do tempo circunscrito da sua realização.

Um ano depois do seu início, sentimos como foi providencial a iniciativa do Papa Francisco, ao convocar este Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Percebemos bem como a Igreja precisava desta lufada de nova missão que irrompe da misericórdia divina, acolhida e traduzida na vida de todos os dias. E não nos surpreende a alma aberta do mundo que acolheu esta iniciativa do Papa Francisco com alargada aprovação e atento interesse. Todos precisávamos deste Jubileu e de quanto

ele nos trouxe de bênção, de compaixão e de apelo a vidas transformadas pela misericórdia de Deus e realizadoras das obras de misericórdia.

Trouxe-nos este Jubileu a valorização de uma urgente cultura do encontro, da proximidade, da compaixão e da misericórdia. Abriu à Igreja caminhos novos de uma pastoral próxima, atenta a todos e capaz de fazer chegar a cada pessoa esta certeza única de que Deus nos ama como Pai, rico de misericórdia. Deu a cada um de nós este gosto e esta coragem de sabermos que a porta da misericórdia está sempre aberta para nos conduzir a Deus na procura de reconciliação, de misericórdia, de perdão e de paz. Este Jubileu incentivou-nos a sairmos ao encontro dos ir-

mãos, renovados nas fontes da alegria. Acordou em todos nós e bem para lá de nós o desejo e o dever de praticar as obras de misericórdia, com alegria. E tanto foi feito, mercê da graça de Deus e do acolhimento de quantos acolheram este Ano Santo da Misericórdia com inesgotável alegria e encanto.

**D. António Francisco  
dos Santos,  
bispo do Poto**

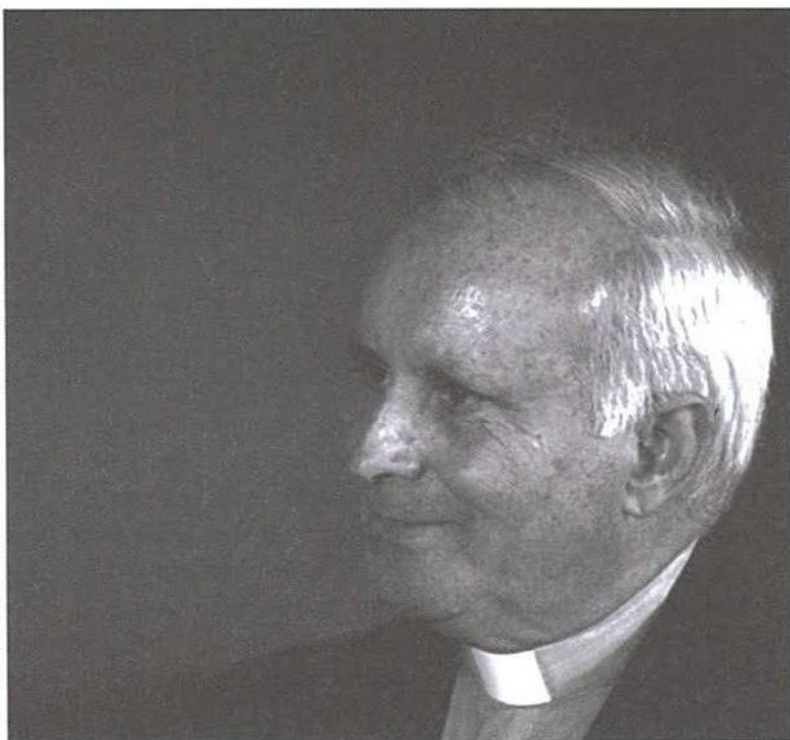
### REGISTOS PAROQUIAIS

#### Baptizados

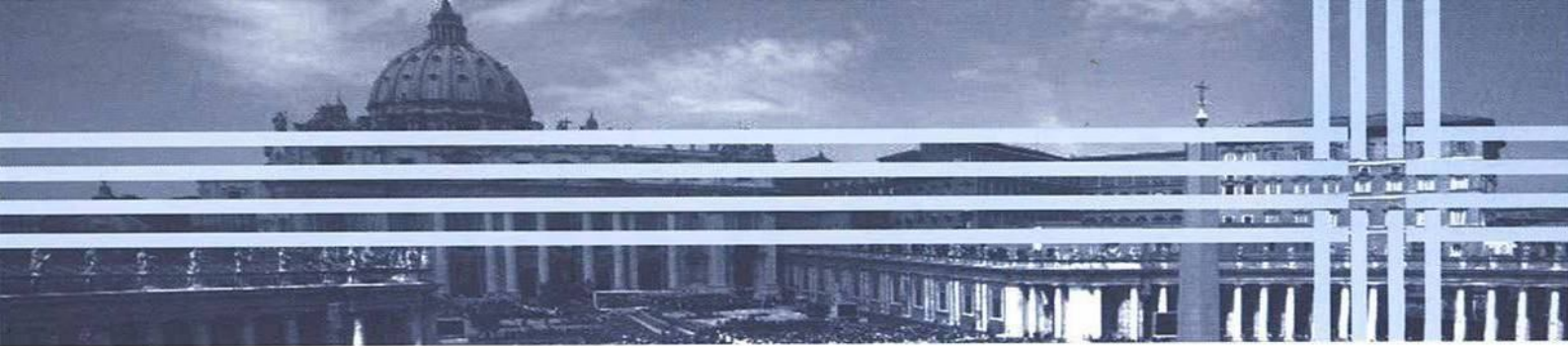
Dinis António Rodrigues Leite  
Luca Ataíde Saraiva Magrini Diamanti

#### Óbitos

António Alves Teixeira  
António do Carmo Gonçalves Torres  
Armanda de Barros Cerveira  
Armando Pinto da Silva  
Cidália Gomes Abrantes  
João Nogueira  
João da Silva Moreira  
Manuel Ricardo Alves de Almeida  
Maria Helena Henriques da Silva  
Antunes  
Maria Helena Silva Vieira  
Maria Júlia da Silva Lima Novais  
Varela  
Otilia de Jesus Barbosa Alves Velho







PELA IGREJA

## AUDIÊNCIA GERAL (26.10.2016)

Prossigamos a reflexão sobre as obras de misericórdia corporais, que o Senhor Jesus nos confiou a fim de que a nossa fé se mantenha sempre viva e dinâmica. De facto, estas obras tornam evidente que os cristãos não estão cansados nem são preguiçosos na expectativa do encontro final com o Senhor, mas que todos os dias vão ter com Ele, reconhecendo o seu rosto naquele de tantas pessoas que pedem ajuda. Hoje meditemos sobre esta palavra de Jesus: «Era estrangeiro e acolhestes-me; estava nu e vestistes-me» (Mt 25,35-36). No nosso tempo é atual como nunca a obra relativa aos estrangeiros. A crise económica, os conflitos armados e as mudanças climáticas impelem muitas pessoas a emigrar. Contudo, as migrações não são um fenómeno novo, mas pertencem à história da humanidade. Consiste em falta de memória histórica pensar que elas sejam próprias apenas da nossa época.

Durante os séculos assistimos a grandes expressões de solidariedade, embora não tenham faltado também tensões sociais. Hoje, o contexto de crise económica infelizmente favorece o emergir de comportamen-

tos de fechamento e não acolhimento. Nalgumas partes do mundo erguem-se muros e barreiras. Às vezes parece que a obra silenciosa de muitos homens e mulheres que, de várias maneiras, se prodigalizam para ajudar e assistir os refugiados e os migrantes seja obscurecida pelo rumor de outros que dão voz a um egoísmo instintivo. Contudo o fechamento não é uma solução, pelo contrário, acaba por favorecer os tráficos criminosos. A única solução é a solidariedade. Solidariedade com o migrante, solidariedade com o estrangeiro...

Hoje o compromisso dos cristãos neste âmbito é urgente assim como era no passado, a fim de que a misericórdia possa alcançar muitos necessitados. É um compromisso que envolve todos, sem exclusão. As dioceses, as paróquias, os institutos de vida consagrada, as associações e os movimentos, assim como cada cristão, todos são chamados a acolher os irmãos e as irmãs que fogem da guerra, da fome, da violência e das condições de vida desumanas. Todos juntos somos uma grande força de apoio para quantos perderam pátria, família, trabalho e dignidade. Há alguns

dias aconteceu uma pequena história urbana. Havia um refugiado à procura de uma rua e uma senhora aproximando-se dele, disse-lhe: «O senhor está a procurar algo?». O refugiado, que estava descalço, respondeu: «Gostaria de ir à praça de São Pedro para atravessar a Porta Santa». E a senhora pensou: «Mas sem sapatos como fará para caminhar?». E chamou um táxi. Mas aquele refugiado cheirava mal e o motorista do táxi quase não o deixava entrar, mas no final aceitou levá-lo. E a senhora, ao lado dele, durante o percurso perguntou-lhe sobre a sua história de refugiado e de migrante: dez minutos para chegar à praça. O homem narrou a sua história de dor, de guerra, de fome e a razão pela qual fugiu da sua pátria para migrar para aqui. Quando chegaram, a senhora abriu a bolsa para pagar o táxi e o taxista, que no início não queria que o migrante entrasse porque cheirava mal, disse à senhora: «Não, senhora, sou eu que devo pagá-lo porque me fez ouvir uma história que mudou o meu coração». Esta senhora sabia o que significa a dor de um migrante porque tem sangue arménio e conhece o sofrimento do seu povo. Quando fazemos algo deste tipo, no início não aceitamos porque nos incomoda um pouco, «...o mau cheiro...». Mas no final, a história perfuma-nos a

alma e faz-nos mudar. Pensai nesta história e pensemos no que podemos fazer pelos refugiados.

Outro aspeto é vestir quem está nu: o que significa senão restituir dignidade a quem a perdeu? Certamente, dando roupas a quem não as tem; mas pensemos também nas mulheres vítimas do tráfico obrigadas a estar pelas ruas, ou noutras pessoas, são demasiados os modos de usar o corpo humano como mercadoria, até dos menores. E também não ter um trabalho, uma casa, um salário justo é uma forma de nudez, ou ser discriminados pela raça, pela fé, são todas formas de «nudez», diante das quais como cristãos somos chamados a estar atentos, vigilantes e prontos a agir.

Queridos irmãos e irmãs, não caiamos na armadilha de nos fecharmos em nós mesmos, indiferentes às necessidades dos irmãos e preocupados só com os nossos interesses. É precisamente na medida em que nos abrimos aos outros que a vida se torna fecunda, as sociedades restabelecem a paz e as pessoas recuperam a sua plena dignidade. E não vos esqueçais daquela senhora, do migrante que cheirava mal, nem do taxista ao qual o migrante mudou a alma.

Francisco





## CANTINHO DOS ACÓLITOS

### ANO DA MISERICÓRDIA

O Ano Santo da Misericórdia termina com o final deste ano litúrgico, mas a Misericórdia continua, tem de continuar! E as nossas obras, as nossas ações, a nossa prática diária tem de ser de Misericórdia seguindo o itinerário de vida de todo o cristão que são as catorze Obras de Misericórdia que tão bem conhecemos.

Na nossa Diocese este novo Ano Pastoral tem como lema “Com Maria renovai-vos nas fontes da Alegria”.

A mãe da Misericórdia, aquela que na Salve Rainha pedimos que nos olhe com os seus olhos misericordiosos, Maria, acompanha-nos, guia-nos e ajuda-nos a construir o futuro com alegria e esperança.

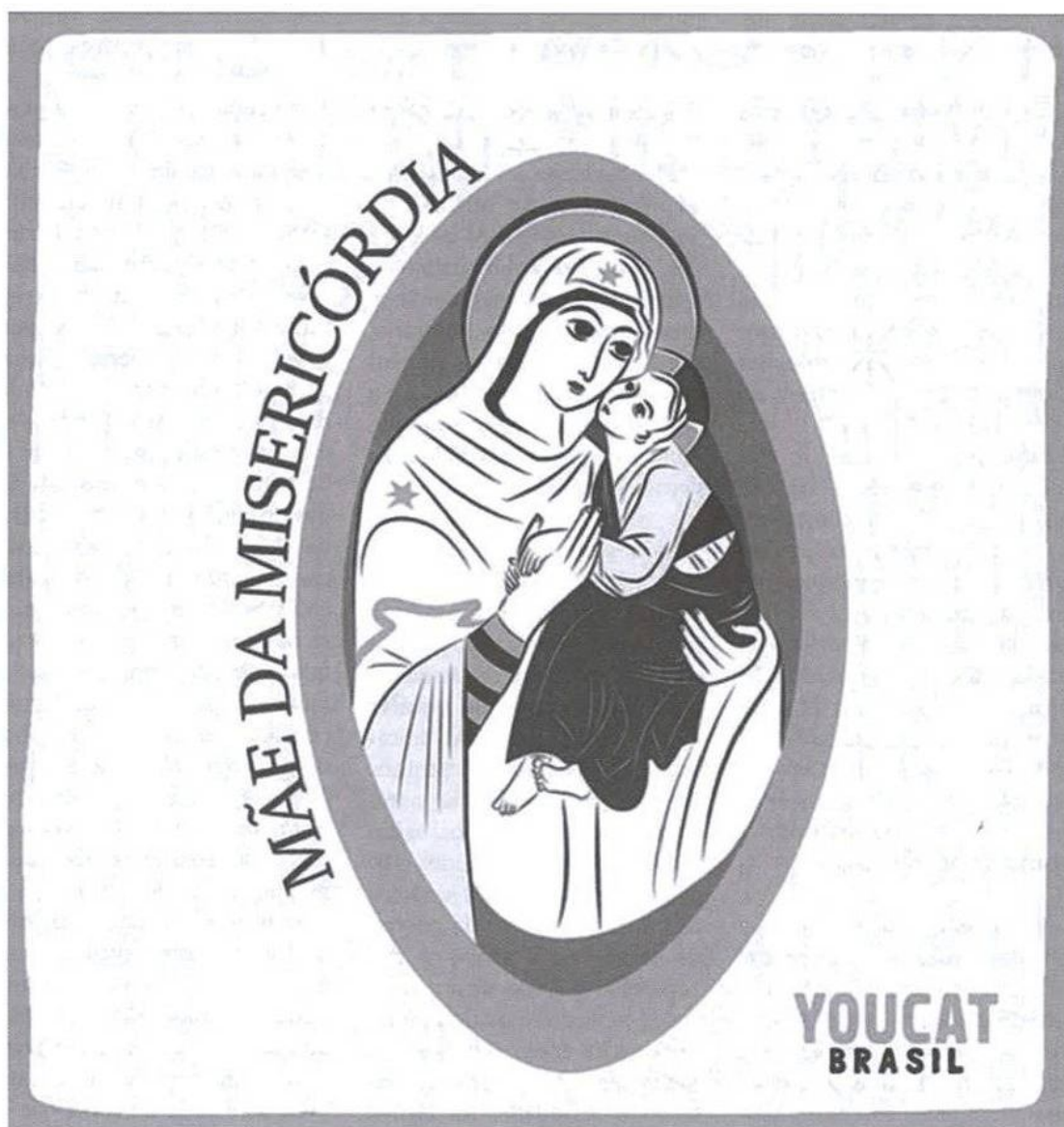
Maria chama-nos para a acompanhar nesta caminhada da Misericórdia, sejamos nós também capazes de aceitar este convite, e assim caminharmos junto com Maria para alcançar esta

riqueza de Misericórdia que Deus nos dá.

Deus abre-nos com todo o Seu amor, as portas do Seu coração para nós O ouvirmos e aceitarmos a sua Misericórdia. Vamos abrir os nos-

sos corações a Deus, dando início na nossa paróquia, à caminhada Advento/Natal.

**João Nuno Martinho**







É ASSIM NO ENCANTO...

## AFETIVIDADE

A afetividade é crucial para o desenvolvimento da criança, pois além de estar ligada aos sentidos, também proporciona a expansão da inteligência.

É igualmente fundamental para o estabelecimento das relações interpessoais, uma vez que envolve as emoções.

O educador aproxima-se da criança para conhecer as suas motivações, interesses e dificuldades, pois quanto maior for o envolvimento que exista, mais eficiente será o trabalho pedagógico na descoberta das diferenças individuais de cada uma. Portanto, é fundamental conhecer a história de vida de cada criança para que se possam estabelecer laços afetivos consolidados, contribuindo para o desenvolvimento integral da mesma nos aspetos cognitivos, motores, sociais e emocionais.

Assim, a aproximação do educador deverá consistir não apenas no contacto físico carinhoso, mas também

num olhar afetivo, sensível, numa atitude que demonstre atenção por cada criança e nas suas respetivas conquistas.

A criança sente-se segura se se sentir integrada num ambiente afetivo, pertencente a um grupo, com adultos de referência, no qual aceitam a sua individualidade, proporcionando uma predisposição para novas aprendizagens e novas descobertas sobre pessoas e objetos.

O afeto do educador demonstra-se em cada gesto, no respeito que o acolhe e, acima de tudo, na solidariedade que permite perceber e intervir no que acontece ao redor da criança. A demonstração de afetos é para o educador o reconhecimento do seu papel social e humano, que

vai para além do seu papel pedagógico. O afeto constrói-se na observação de atitudes, pois a criança pode desenvolver o seu potencial afetivo na participação de situações em que o educador interage com outros adultos e nessa interação surgem oportunidades de entreaajuda, de partilha de alegrias e de dificuldades. Proporcionar oportunidades significativas e que promovam a sua compreensão é uma das formas que o educador tem em demonstrar afeto pelas suas crianças.

Percebendo que tem a atenção do educador nas suas necessidades, a criança sen-

te-se envolvida afetivamente por ele, permitindo uma aprendizagem natural de conhecimentos e de sentimentos.

Assim, a afetividade é muito importante para o desenvolvimento das nossas crianças, para que a educação infantil seja cada vez mais eficiente e completa, de forma a assegurar condições para formar indivíduos felizes, preocupados com o próximo, que sabem ouvir, que aceitam e que sabem amar o outro.

**Bárbara Bento**





## À CONVERSA COM FERNANDO SANTOS...

*Após a conquista do campeonato europeu de futebol, a agência Ecclesia entrevistou o selecionador Fernando Santos. Também selecionamos algumas respostas.*

AE – Avisou a família de que só regressaria a Portugal no dia 11 para fazer a festa. Quem lhe disse que iria ser assim?

FS – Ninguém me disse que iria ser assim. Era a minha convicção.

Eu sou um crente por natureza. Toda a gente sabe, mas a alguns faz confusão...

No dia do jogo com a final,

estava a ver uma imagem do público no exterior e uma pessoa abeirou-se do jornalista que lá estava e mostrou uma fotografia que tinha tirado comigo na missa, nessa manhã. E é verdade! E o jornalista comentou: 'se calhar foi à missa hoje por alguma razão especial'. Achei curioso porque, desde que cheguei a Marcoussis fui à missa todos os domingos, como é meu dever. Não fiz nem mais nem menos do que faço na minha vida normal, porque acho que é um dever do cristão participar na Eucaristia pelo menos ao domingo. Fui a essa paróquia, a 10 minutos do local onde

estávamos, durante o tempo em que estivemos em Marcoussis. Na primeira vez vi um português e no último domingo, no da final, estavam mais dez.

As pessoas acham que isto é tudo uma questão de "fezada". Não! É tudo natural na minha vida. Desde 1994 assumi um compromisso com Cristo.

Tal como o crucifixo que tenho no bolso, desde esse dia. Disseram-me: 'Cristo conta contigo', e eu disse 'pode contar'. Assumindo este compromisso, o normal num cristão é o que eu faço. É a mesma coisa que respirar: é normal rezar, tal como respirar.

Algumas pessoas confundem "fé" com "fezada". E uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Por vezes vou dar umas palestras sobre a fé e conto sempre uma história, que também contei aos meus jogadores: uma pessoa pedia que lhe saísse o totoloto e protestava com Deus porque não saía, quando Deus veio ao seu encontro e disse-lhe 'mete o boletim'; ou também aquele ditado 'fia-te na virgem e não corras'. Eu usei numa palestra estas histórias para dizer aos jogadores que não há milagres se estivermos sentadinhos à

espera que eles aconteçam. Mas se trabalharmos muito, lutarmos muito, se fizermos tudo muito, então aí podem entender que temos esse mérito e esse mérito pode conduzir-nos à vitória. Nesse tipo de milagres acredito seguramente. Mas não acredito em "fezadas".

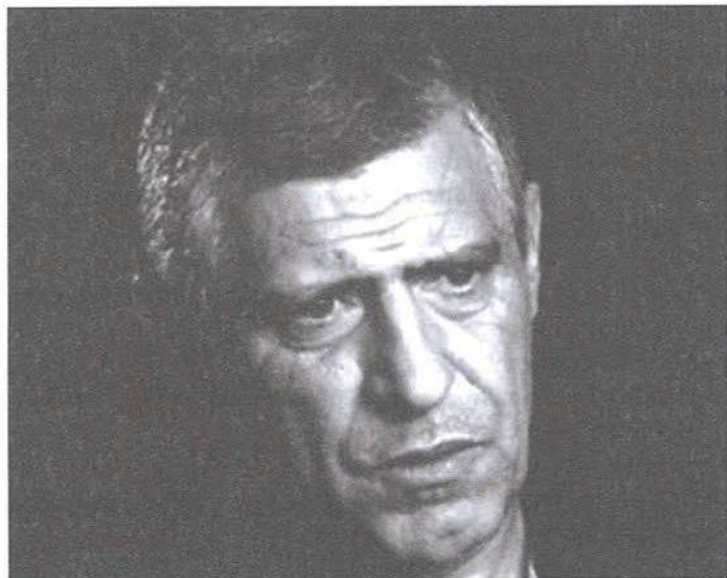
AE – As suas convicções de fé ajudam à sua convicção na vitória?

FS – Isso ajuda! É fundamental para mim.

O que peço a Deus todos os dias, quando invoco o Espírito Santo, é que me dê sabedoria e humildade para guiar a minha vida, familiar, profissional... Peço todos os dias que me conceda este dom, porque acredito nos dons do Espírito Santo! Se acredito, peço que me ajude a fazer bem, não só aos outros, mas profissionalmente também! E é isso que procuro fazer todos os dias. Depois à noite, às vezes, digo-lhe: 'desculpa lá, isto saiu tudo mal...'

Nos momentos em que eu vou refletir, a fé que eu tenho é muito importante para mim. Mas tenho a certeza de que não é só através da fé que vamos ganhar jogos.

Se não correremos, não lutar-





mos e não trabalhar, não ganhemos os jogos. O que a fé nos dá é outra coisa: não é 'sentir bem'... Eu não tenho muito jeito para explicar estar coisas... O que a fé me dá é uma coisa completamente diferente: eu saí do 'acreditar' para o 'eu creio'. Eu acredito que o homem foi à lua, porque vi umas imagens. Mas isto não é 'eu creio'.

Eu creio, mesmo!

AE – Disse que o segredo da vitória estava numa frase de São Mateus, no capítulo 10... "Simples como as pombas e prudentes como as serpentes".

FS – Usei na minha palestra com os jogadores. Em todas as palestras uso algumas palavras e sempre colocava a chave do jogo na minha opinião. Nesse dia, o Evangelho era esse. E de manhã, quando me levantei aquilo 'bateu em mim'. Era isso que a equipa precisava para esse jogo.

AE – Inspirou-se no Evangelho do dia?

FS – Sim!

Quando estava a ler o Evangelho, e ia ter palestra passado uma hora ou duas, pensei: 'isto é o que a minha equipa

precisa para este jogo'. No jogo com a França temos de ser isso: ser simples, humildes, perceber que estamos perante um grande adversário, mas não ter medo de jogar. Este 'simples' não é só humildade, é também ter confiança em nós próprios, não ter medo de fazer as coisas, sermos libertos, e ao mesmo tempo sermos "prudentes como as serpentes", estarmos atentos a tudo, não falharmos. Como ia dar a palestra sobre o que deveríamos fazer perante o adversário e os perigos que ele nos colocava, achei que essa frase era chave. E usei-a como chave.

AE – A vitória no campeonato europeu de futebol teve essa inspiração tática no Evangelho do dia?

FS – Sim! Nesse sentido sim... Isto é uma questão de estar atento aos sinais. Não é a primeira vez que me acontece ter um sinal qualquer, ou entender como um sinal.

Lembro-me já há muitos anos, quando era treinador do Amadora e aquilo não dava... Trabalhava no hotel e eu pensava 'não vale a pena, não chego lá...' Ia a caminho da Eucaristia, à tarde depois do jogo, e ia a pensar nisto.

Quando cheguei à Eucaristia, a primeira leitura era do Livro de Jonas, quando ele estava no barco e o mandaram fora porque não queria ir para Nínive. Eu pensei: 'isto é para mim...' Assumi que ia lá, tentar "safar aquilo" e agora estou-me a "baldar"... E disse: 'isto é recado para mim, o melhor é ficar até ao fim'. E acabei por safar a equipa de descer de divisão. Todas estas questões dão-me força!

AE – No balneário, com os jogadores, cria momentos de oração?

FS – Não. Nunca o fiz porque uma das normas que aprendi cá e muito na Grécia, porque tenho muitos sacerdotes ortodoxos amigos, é que há que haver respeito. Afirmar as nossas convicções, discuti-las no bom sentido, tendo capacidade de respeito pelos outros. No futebol, há crentes e não crentes, quase todas as convicções religiosas e outros



para quem a religião não existe. E também já tive atletas que lêem a Bíblia no balneário...

Por respeito a todos a para que me respeitem a mim, isso nunca fiz nem farei. Mas nunca deixo de ser eu próprio. Toda a gente sabe que, quando chego a um clube, eu vou à Eucaristia. Se eu marcar o jantar às 20h00 e se só tiver Eucaristia 19h30, sabem que chego uns minutos atrasado porque vou à Eucaristia. Nunca disse 'vocês têm de vir comigo'.

Este Deus que amamos tem uma coisa muito boa: criou-nos livres! É esta liberdade e respeito que devemos aos outros.

(continua na página 10)





É ASSIM NO ENCANTO...

## AFETIVIDADE

A afetividade é crucial para o desenvolvimento da criança, pois além de estar ligada aos sentidos, também proporciona a expansão da inteligência.

É igualmente fundamental para o estabelecimento das relações interpessoais, uma vez que envolve as emoções.

O educador aproxima-se da criança para conhecer as suas motivações, interesses e dificuldades, pois quanto maior for o envolvimento que exista, mais eficiente será o trabalho pedagógico na descoberta das diferenças individuais de cada uma. Portanto, é fundamental conhecer a história de vida de cada criança para que se possam estabelecer laços afetivos consolidados, contribuindo para o desenvolvimento integral da mesma nos aspetos cognitivos, motores, sociais e emocionais.

Assim, a aproximação do educador deverá consistir não apenas no contacto físico carinhoso, mas também

num olhar afetivo, sensível, numa atitude que demonstre atenção por cada criança e nas suas respetivas conquistas.

A criança sente-se segura se se sentir integrada num ambiente afetivo, pertencente a um grupo, com adultos de referência, no qual aceitam a sua individualidade, proporcionando uma predisposição para novas aprendizagens e novas descobertas sobre pessoas e objetos.

O afeto do educador demonstra-se em cada gesto, no respeito que o acolhe e, acima de tudo, na solidariedade que permite perceber e intervir no que acontece ao redor da criança. A demonstração de afetos é para o educador o reconhecimento do seu papel social e humano, que

vai para além do seu papel pedagógico. O afeto constrói-se na observação de atitudes, pois a criança pode desenvolver o seu potencial afetivo na participação de situações em que o educador interage com outros adultos e nessa interação surgem oportunidades de entreaajuda, de partilha de alegrias e de dificuldades. Proporcionar oportunidades significativas e que promovam a sua compreensão é uma das formas que o educador tem em demonstrar afeto pelas suas crianças.

Percebendo que tem a atenção do educador nas suas necessidades, a criança sen-

te-se envolvida afetivamente por ele, permitindo uma aprendizagem natural de conhecimentos e de sentimentos.

Assim, a afetividade é muito importante para o desenvolvimento das nossas crianças, para que a educação infantil seja cada vez mais eficiente e completa, de forma a assegurar condições para formar indivíduos felizes, preocupados com o próximo, que sabem ouvir, que aceitam e que sabem amar o outro.

**Bárbara Bento**





## TPC PARA QUÊ?

A discussão não é nova e em alguns países até deu azo a que pura e simplesmente se proibissem os "trabalhos de casa". Aconteceu em França, Espanha e Finlândia.

Por cá, os TPC (Trabalhos para casa) continuam a ser uma rotina diária com argumentos como não devem "desabituar-se" nem "perder o ritmo de trabalho e para consolidar" os conhecimentos. Mas estes argumentos estão a ser cada vez mais contestados, por várias razões.

A primeira é a sobreocupação do tempo das crianças,

calculando o tempo que estão na escola e somando-lhe o que passam no ATL, a fazer o mesmo tipo de trabalho. Chega-se à conclusão inquietante de trabalharem cerca de 8 horas diárias, ou seja, o equivalente ao trabalho profissional da vida de um adulto. Pior para muitos é quando explicitamente ainda se mandam como castigo, aí a mensagem até é perversa – estudar é uma punição, ou seja, o oposto de um prazer ou de uma vontade.

É claro que há quem entenda que os trabalhos de casa são um convite à colaboração

entre os pais e a escola. Ao apoiarem os seus filhos nos TPC, os encarregados de educação teriam um pretexto para falar com as crianças sobre as aprendizagens e acompanhar o que se passa com as mesmas. Mas este é, porventura, o argumento mais discutível. Primeiro porque os TPC reforçam e reproduzem a desigualdade social. Ao contrário do que acontece na escola, onde as crianças têm acesso aos mesmos livros, materiais e professores. As famílias têm proximidades muito diversas com a cultura escolar – e isso traduz-se no acompanhamento que podem fazer. Além disso, esta lógica deixa perguntas por responder.

A relação entre pais e filhos precisa de intermediação escolar? O tempo gasto nisso não seria vivido de forma interessante a colaborar em tarefas domésticas?

Seria, mas, nem todos têm as mesmas prioridades e hoje os telemóveis e a televisão são mais importantes.

Tudo o que hoje se vive é uma crescente e preocupan-



te "alunização", com todas as experiências das crianças. Isto acontece como tudo na vida, desde que não se descure o que é importante e se se fizer tudo em função do contributo para o "sucesso" escolar sem se colonizar o tempo de todos será positivo.

Há muito mais ainda a dizer sobre esta controvérsia, no entanto vamos fazer por encontrar um equilíbrio sem pensar só no sucesso das nossas crianças mas também em serem bem sucedidas.

Até breve,

**Cristina Barbosa**





## EM DESTAQUE

### À CONVERSA COM FERNANDO SANTOS...

(continuação da página 7)

AE — É essa liberdade que o leva a escolher participar na Eucaristia?

FS — Não, isso é uma obrigação. A partir do momento que eu tomei consciência deste Deus vivo e li a passagem da Última Ceia em que se diz 'façam isto em memória de Mim', não me resta outro caminho. Não entendo como alguém que se diga católico apostólico romano diga que não é preciso ir à Eucaristia, isso faz-me muita confusão! Nós não podemos ser uma coisa e outra.

O cristão tem por obrigação participar na Eucaristia ao domingo como louvor e para celebrar a morte e ressurreição de Cristo. E é isso que deve fazer! E não me venham com a história de que não há tempo! Só não há tempo para quem não quer.

Quando cheguei a Marcousis, pedi a um amigo meu para ligar para as paróquias ali perto para saber onde havia uma celebração eucarística que se conseguisse conciliar com o meu tempo. Claro que tenho o meu tempo profissio-

nal e tenho de o realizar bem! Procurei e vi que havia aquela às 9h30, e fui...

AE — Antes de Patrício defender o penalti, vimos o Fernando Santos baixar a cabeça. Porquê?

FS — Pedir ajuda, sim!

AE — E tinha na sua mão o crucifixo?

FS — Sempre estive no meu bolso, desde o dia 19 de março de 1994, sempre está comigo.

AE — No bolso de fato de treino ou de gala?

FS — Sempre! Obviamente que Deus não está no meu bolso, mas no meu coração, se deixarmos que ele habite lá (eu faço um esforço para que Ele pelo menos de vez em quando possa habitar aqui).

Achei que era um sinal de alerta ter este crucifixo comigo, este crucifixo que me foi dado naquele dia. Quando coloco as mãos no bolso, sempre sinto o crucifixo. Isso é um sinal de alerta para mim próprio:



'não te esqueças que tens um compromisso'.

Nesse momento tinha o crucifixo na mão, como tenho normalmente.

Normalmente não peço para ganhar, porque se estou a pedir para ganhar, peço também para que alguém perca. O que peço é que me ajude a mim e aos meus jogadores e nos dê capacidade de lutar pela vitória.

AE — "Espero e desejo que seja para glória do Seu nome". Acredito que seja uma frase que diz todos os dias?

FS — Todos os dias, quando ofereço o meu dia. Sempre faço isso: quando me levanto a primeira coisa que faço é agradecer-Lhe o descanso e oferecer o meu dia, tudo o que faça seja honra e glória do Seu nome.

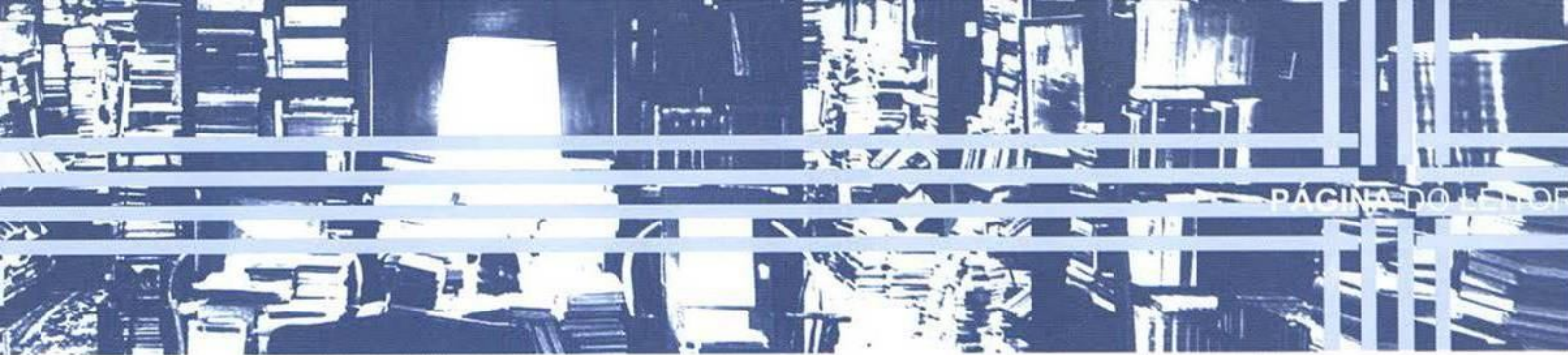
AE — Também uma vitória no campeonato Europeu de futebol?

FS — Claro! Tudo na minha vida, tudo o que faço! Esse é o meu desejo, mesmo que nem sempre o faça bem...

AE — Assim termina a carta que leu na conferência de imprensa após a vitória e disse que tinha escrito umas semanas antes...

FS — Escrevi depois do jogo com a Áustria, de tarde, depois de ter dito na conferência de imprensa que só regressaria a casa no dia 11. Estava deitado, a descansar, de repente levantei-me, fui à minha secretária, peguei num daqueles campos de futebol onde faço os rascunhos para as táticas e escrevi aquilo que eu iria ler depois da final, se na





realidade viesse a acontecer. E guardei dentro da minha capa, onde tenho os papéis que levo comigo para o jogo, para ler depois da final.

AE – E foi preciso...

FS – E foi preciso, graças a Deus!

AE – O que é que esta carta diz do treinador de futebol?

FS – Sinceramente não sei... Acho que diz essencialmente que está agradecido pelo dom da vida, por tudo o que lhe foi concedido até hoje e vai ficar agradecido para sempre...

Há um tempo ouvi uma expressão que me tocou: “É muito fácil amar a Deus. O que é difícil é deixarmo-nos amar por Deus”. O que eu luto é para que eu deixe que Deus me ame.

Acho que a carta reflete isso, com muito respeito pelos outros. É aí que tudo se passa, no respeito pelos outros, por aquilo que pensam...

AE – Que relevância tem a dedicatória da vitória ao seu melhor Amigo, Jesus Cristo, e Sua Mãe?

FS – Tem uma relevância mui-

to grande, porque é o meu melhor Amigo! O meu melhor amigo humano é o meu pai, com quem eu continuo a conversar... Continuo a 'bater umas bolas' com ele e acho que ele me ouve. E tenho grandes amigos que são como meus irmãos.

Aquele que é o meu maior Amigo, e com quem eu falo muitas vezes, é Ele! E vou muitas vezes ao sacrário, um local de eleição. E a sua Mãe, porque foi Ele que disse 'Eis a vossa Mãe', por isso sou filho adotivo dela. A minha dedicatória era para Ele, esse grande Amigo meu! Mesmo nos momentos maus.

Um dos problemas da fé passa por estarmos convencidos que a partir do momento em que vamos à Igreja, à Missa ou porque conhecemos padres, tudo nos vai sair bem. Mas não vai! E eu já tive tantos desaires... Só as vezes que já fui despedido...

Quando temos um desaire, nós desanimamos completamente, porque pensamos que não nos iria acontecer nada de errado. As coisas erradas vão-nos acontecer todos os dias, vamos ter pessoas doentes na nossa família, vamos estar doentes, vamos ter coisas más na nossa vida.

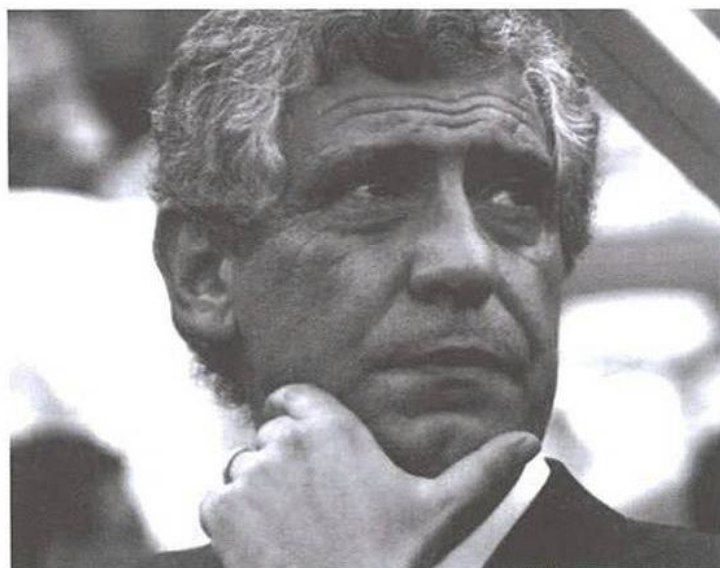
Nós queremos tornar as coisas terrenas, mas não é assim que as coisas acontecem.

AE – Nesta carta, agradece o “dom da sabedoria, da perseverança e da humildade”. Foram as componentes essenciais para o sucesso?

FS – São as componentes essenciais para que a minha vida seja como eu quero que ela seja. Sucessos ou insucessos vou ter sempre. E são sempre vãos, a glória é muito vã, vem e desaparece, como os insucessos. O que eu quero é que a minha vida se possa pautar por esses princípios, que tem a ver com a relação com os outros, como pai, como filho, como marido, como

amigo, como conhecido. Até para os meus inimigos, a quem eu desejo sorte e saúde. Também tenho pessoas que... como digo sou 'Santos', não sou 'santo'. E há pessoas a quem eu desejo a maior sorte do mundo, que sejam muito felizes, mas com quem não tenho nenhum prazer em cruzar-me, zero! Mas não lhe desejo mal nenhum. Sou humano como os outros. Eu acho que a beleza do cristianismo tem muito a ver com isto: Deus filho! Ele chorou, criticou... A parte humano de Cristo é um grande ensinamento e nós muitas vezes passamos ao lado.

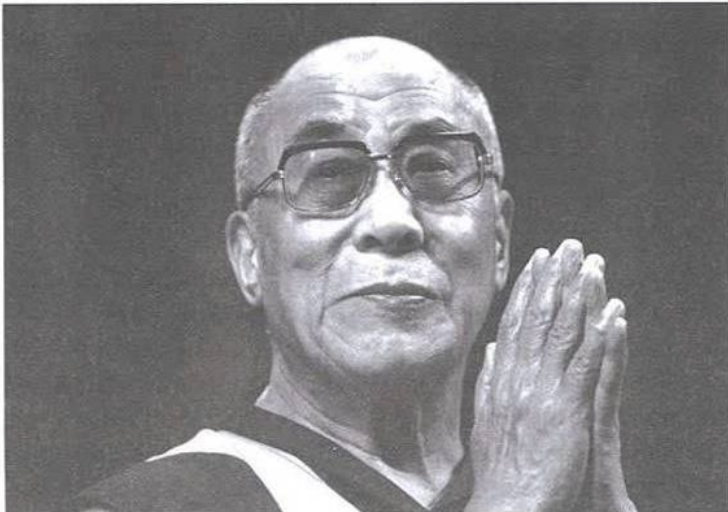
in Ecclesia





## O GRITO DO PROFETA

### COM DALAI LAMA



Numa conversa sobre religião e liberdade que tive com o Dalai Lama (quem nos relata é Leonardo Boff) perguntei-lhe, um tanto maliciosamente: "Vossa Santidade, qual é para vós a melhor religião?"

Pensava que ele diria: O budismo tibetano ou as religiões orientais, muito mais antigas do que o cristianismo.

O Dalai Lama sorriu-me e, olhando-me nos olhos, o que me surpreendeu, porque havia malícia na minha pergunta, respondeu: "A melhor religião é a que te aproxima

de Deus. É a que faz de ti uma melhor pessoa."

Perguntei-lhe, então: "O que é que nos faz melhores?"

Ele respondeu: "Tudo o que te enche de compaixão, torna-te mais sensível, mais desapegado, mais amável, mais humano, mais responsável, mais respeitador da ética. A religião que fizer tudo isto por ti é a melhor religião.

Meu amigo, eu não estou interessado na tua religião ou se tu és ou não religioso...

Para mim, o que é importan-

te é a maneira como ages com os outros, a tua família, os teus colegas de trabalho, a tua comunidade, e com o mundo. Lembra-te que o universo é o eco das nossas ações e dos nossos pensamentos.

A lei da ação e reação não é exclusiva da física. Ela está presente também nas relações humanas. Se eu ajo com bondade, recebo bondade. Se ajo com maldade, recebo maldade.

O que os nossos avós nos disseram é a pura verdade: receberás sempre o que de-

sejas aos outros. Ser feliz não é uma questão de destino, é uma questão de opção ou de escolha.

Finalmente, disse: "Toma cuidado com os teus pensamentos porque eles tornar-se-ão palavras. Toma cuidado com as tuas palavras porque elas tornar-se-ão ações. Toma cuidado com as tuas ações porque elas tornar-se-ão hábitos. Toma cuidado com os teus hábitos porque eles formarão o teu carácter. Toma cuidado com o teu carácter porque ele formará o teu destino. E o teu destino será a tua Vida..."